



Mário Amato, da Fiesp, prefere acreditar numa estabilização moderada

Mas indústria prevê a recessão

ROBERTO CUSTÓDIO
Da Sucursal

São Paulo — Já existe um consenso na indústria paulista: o setor sofrerá recessão no primeiro semestre de 88, apresentando fortes taxas de queda de atividades — em torno de 3 a 5 por cento mensais — em comparação com o primeiro semestre de 87, segundo avaliação do conselho superior de economia da Federação das Indústrias de São Paulo, formado por representantes da indústria, comércio, setor financeiro, além de economistas de renome como o ex-ministro do planejamento, Mário Henrique Simonsen. Outra conclusão unânime é a de que a recessão só não se aprofundará se forem confirmadas as expectativas de crescimento das exportações em vários setores industriais como calçados, automóveis e autopeças.

“Eu vejo que a recessão é ainda reduzida em nosso setor e percebo que há uma reação no comércio, o que é muito bom, se consi-

derarmos a situação da economia do País em geral”, afirmou o presidente da Fiesp, Mário Amato, que prefere discutir os números apresentados pelo departamento de economia da entidade do que os divulgados pelo IBGE, apontando uma queda no Produto Interno Bruto e redução drástica das atividades industriais em todo o País. “O que nosso departamento mostra é que há uma estabilização da atividade em níveis mais reduzidos do que no início de 87, quando ainda se vivia o clima do Plano Cruzado, no qual estávamos fabricando para atender uma grande demanda”, disse.

De acordo com a análise da Fiesp, a questão central que toma as atenções dos industriais é saber se o processo de ajustamento do setor — que teve um crescimento acentuado e agora passa por uma sucessão mensal de quedas acentuadas — está concluído ou não. Embora haja sinais de que ele tenha prosseguido em janeiro, existem indicações de que

a atividade industrial começa a se estabilizar em nível mais reduzido. Está sendo demonstrado pela estabilização do emprego industrial em São Paulo, que mantém constantemente cerca de 2,1 milhões de funcionários. Entretanto, segundo os industriais, até o resultado final do processo, no primeiro semestre de 88, serão registradas taxas negativas para a atividade do setor.

A análise dos industriais, entretanto, é que as questões econômicas estão vinculadas às decisões políticas da Constituinte cujo resultado influenciarão o ritmo dos negócios e das atividades nos próximos meses.

“A saída é exportar”, afirma o presidente do Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de São Paulo, Sebastião Burbulhan, ao anunciar que o setor terá este ano um incremento de 10 por cento nas exportações: a previsão é de que sejam exportados calçados no valor global de 1,3 bilhão de dólares, contra 1,1 bilhão em 87.